

Acusada de coação, Maria Helena é indiciada

Robson Fernandjes/AE

Ex-assessor afirmou ter sido espancado por funcionários da vereadora após prestar depoimento à força-tarefa da máfia dos fiscais, no dia 3, e disse que ela pretendia eliminar o delegado Tuma Júnior

MARCUS LOPES
e LUCIANA GARBIN

A polícia indiciou ontem à noite a vereadora Maria Helena (PL) por estelionato e coação de testemunha, depois de seu depoimento de mais de três horas ao delegado Maurício Correia, no Departamento de Identificação e Registros Diversos (Dird). Em entrevista à imprensa ontem, um ex-assessor da vereadora afirmou ter sido espancado, a mando da parlamentar, após ter prestado depoimento, no dia 3, à força-tarefa que investiga a máfia dos fiscais. Ele também revelou à polícia planos de Maria Helena, detida desde anteontem no 89.º Distrito Policial, de eliminar o delegado Romeu Tuma Júnior.

Maria Helena é acusada de tentar impedir um segundo depoimento do ex-assessor, cujo nome está sendo mantido em sigilo, à força-tarefa. O indiciamento por estelionato veio de sua ligação com Fabiano Leite Sá Lima, acusado de tentativa de extorsão contra o vereador Salim Curiati Júnior (PPB). Maria Helena já responde a processos por peculato, porte ilegal de armas, formação de quadrilha, calúnia e difamação.

Em seu depoimento, o ex-assessor contou detalhes de um plano para matar Tuma Júnior. O delegado, na versão dele, seria executado após uma entrevista ao programa *Evê Sobral em Revista*, da CNT Gazeta, em abril.

“O que me impressionou e convenceu foi o fato de o ex-assessor ter dado detalhes e falar, por exemplo, do blusão de couro que eu usava no dia e das pessoas que me acompanhavam”, disse Tuma Júnior. “Quando ele me encontrou, falou: o senhor tem o santo forte.” Segundo ele, a testemunha também conhecia os promotores Roberto Porto e José Carlos Blat – ao qual se referia como “promotor do cemitério”.

Visita – De acordo com a testemunha, três assessores da vereadora procuraram-no em sua casa, depois que ele prestou depoimento no dia 3 ao delegado Correia. “Eles disseram que a vereadora queria falar comigo.”

A testemunha afirmou que, a caminho da casa da parlamentar, foi espancada a socos e pontapés. “Eles disseram que cagüeta tem de morrer”, afirmou. “Já tinha apanhado duas vezes, uma delas da própria vereadora, em anos passados.”

O ex-assessor disse ainda

que, quando chegaram à residência da vereadora, Maria Helena repetiu as ameaças. Os três assessores tiveram a prisão temporária decretada e estão sendo procurados pela polícia.

O ex-assessor contou que, no dia 6, data em que prestaria novo depoimento no Dird, foi levado para o interior com sua mulher, por determinação de Maria Helena. Durante a viagem, pessoas ligadas à vereadora tentaram convencê-lo novamente a não comprometer a situação da parlamentar na polícia.

Até 1994, o ex-assessor, que se define como líder comunitário da zona norte, trabalhava para o ex-vereador e ex-deputado Hannah Garib. Nessa época, o ex-deputado teria solicitado a ele que passasse a trabalhar para Maria Helena. “Ele disse que era para eu ajudar outro político da região norte, que era a Maria Helena”, disse.

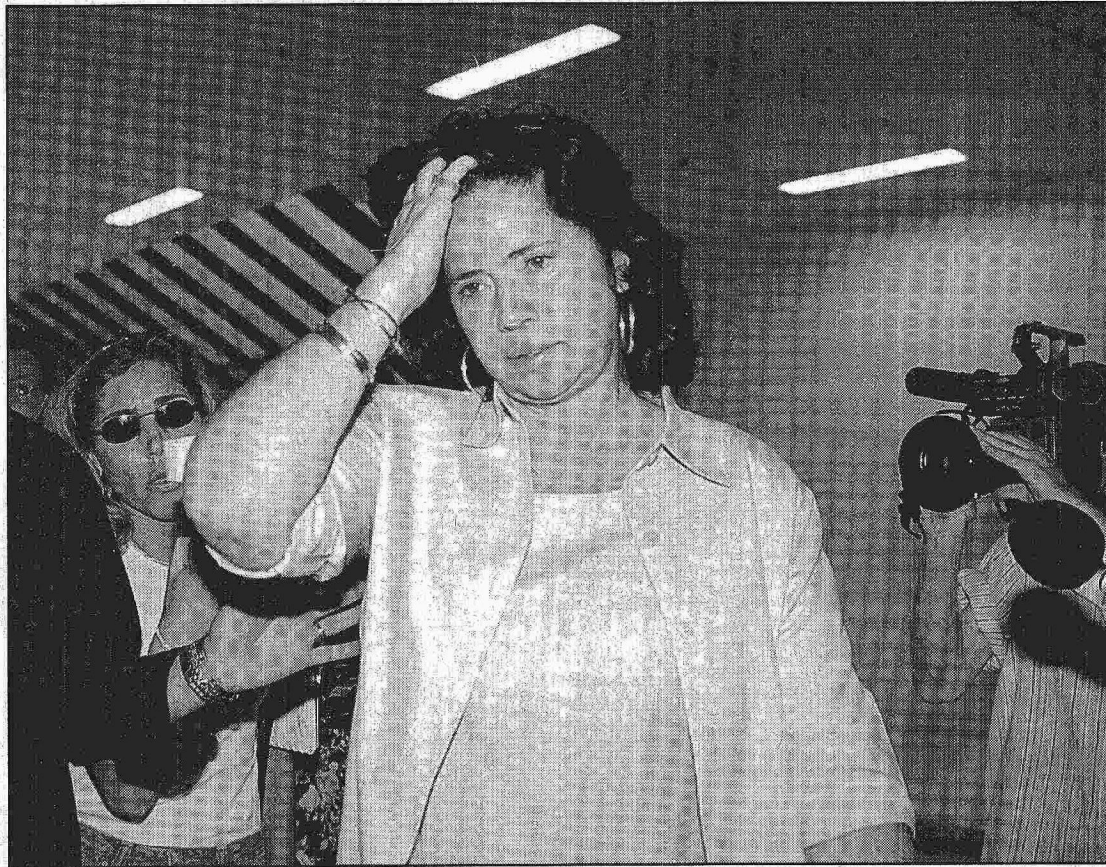
A testemunha foi morar na casa da vereadora. “Ela gostava que seus assessores ficassem por perto, para fazer algum trabalho emergencial.” Esse “trabalho” incluía, por exemplo, arrancar cartazes de adversários políticos.

A testemunha afirmou que o seu salário, de R\$ 500,00 por mês, era pago com dinheiro recolhido dos vencimentos de funcionários do gabinete de Maria Helena na Câmara. Em 1995 e 1996, o ex-assessor voltou a trabalhar com Garib, que se candidatara a deputado estadual. “Ela apoiou o Garib para tornar-se a única vereadora da região, pois ele iria para a Assembleia.”

Na entrevista, a testemunha disse ainda que a vereadora é uma “pessoa forte”, ligada a delegados até a traficantes. Ele estimou que, por meio de esquemas de corrupção em administrações regionais, a vereadora ganhava R\$ 600 mil por mês.

OAB – Maria Helena chegou ao Dird às 16h55, mas o depoimento só começou por volta das 18 horas. O motivo do atraso foi a exigência de Correia de que a vereadora falasse na presença de advogados. Como ela chegou sozinha, teve de ligar para a Comissão de Prerrogativas da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e os advogados Leonardo Massud e Alexandre Magno Grandese foram acompanhar o depoimento.

O depoimento terminou às 21h10, mas Maria Helena só deixou as dependências do Dird às 23h15. Por volta de 23h45, os policiais estavam tomando o depoimento do vereador Curiati Júnior.



Maria Helena chega ao Dird: ela não estava acompanhada de advogado, o que atrasou depoimento